

Cazumbá

JORNAL TURÍSTICO E CULTURAL DO MARANHÃO

R\$ 7,00 • ANO XI • Nº 112 • EDIÇÃO FEVEREIRO 2014 • SÃO LUÍS • MARANHÃO

www.jornalcazumba.com.br • E-MAIL jcazumba@gmail.com



Rota do Açaí

**Gastronomia típica,
ecoturismo e cultura
popular na zona rural da
Ilha de São Luís**

E mais:

**Caranguejo: Da lama ao ar
condicionado**



Aviso de Licitação - Pregão Presencial nº. 001/2014 – CPL/FSLCVB

Objeto: Contratação de empresa especializada em serviços de produção do evento "Carnaval do Maranhão 2014". Tipo de Licitação: Menor preço por item. Local: sala de licitação da Fundação São Luís Convenções e Eventos, situada à Praça Benedito Leite, nº. 264, 2º andar, sala 09, Palácio do Comércio, São Luís/MA. Data de Abertura: 19 de fevereiro de 2014, às 09:00. Obtenção do Edital: os interessados poderão consultar o Edital e seus anexos gratuitamente ou adquiri-los mediante pagamento da taxa de R\$ 50,00 (cinquenta reais), estando disponível para atendimento em dias úteis das 08:00 às 18:00, na sede da Fundação. São Luís/MA, 04 de fevereiro de 2014. Comissão Permanente de Licitação da Fundação São Luís Convenções e Eventos, através de sua Presidente, Karine Pereira Mouchrek Castro, e de seus membros, Márcia Cristina Costa Ferreira Castro, e Roseana Silva Fontoura.

Conheça o que há de melhor em Assessoria de Comunicação, cobertura de eventos e impressos!



Desenvolvimento de projetos em Assessoria de Comunicação, Filmagem e Edição de vídeo, editoração de livros, jornais e revistas..

(98) 3-1890040 / 82145279 / 88030546
jcazumba@gmail.com
www.jornalcazumba.com.br

SUMÁRIO

SUMÁRIO



Editorial **4**

Opinião **5**

No Cerne da Questão: Copa do Mundo no Brasil 1,5 **6**

Entrevista: Edilson Baldez – Presidente FIEMA **7**

Coluna Trade em Ação **8**

A Rota do Açáí **10**

Maranhão na Tela: fomentando o cinema local **13**

Caranguejo: da lama ao ar condicionado **14**

O Mochileiro: Florianópolis, turismo de ponta no sul do Brasil **16**

Racionalização de energia, responsabilidade de todos **17**

Maranhão: um destino turístico viável? **18**

Ócio, Viagens e Gastronomia: Pregoeiros: há um novo capítulo na história de São Luís **20**

EDITORIAL

Os problemas do acesso a São Luís do Maranhão e o prejuízo do turismo

São Luís do Maranhão é uma capital que, pelo fato de se encontrar numa ilha, dispõe, desde os primórdios de sua fundação, de uma posição estratégica em termos de defesa de seu território. Para que os portugueses pudessem retomar a cidade inaugurada pelos franceses, tiveram que entrar pelos fundos, via Icatu, defronte de São José de Ribamar, já que o local onde hoje se localiza o Palácio dos Leões, o antigo forte, era uma fortaleza quase inexpugnável, e que contava com a ajuda de cr'ois de areia e arrecifes que afugentavam navios que por cá se aventuravam.

Dessa forma, a primeira abordagem da cidade se deu por via marítima. Numa época em que o mar, na confluência dos rios Bacanga e Anil, ainda era profundo, sem as intervenções posteriores, tais como a Barragem do Bacanga, o aterro do Portinho até a Rampa Campos Melo e, mais recentemente, o Aterro do Bacanga, que inviabilizou de vez a navegação profunda na área, navios europeus e brasileiros traziam para a capital visitantes e aventureiros, além de mercadorias que aqui chegavam, juntamente com companhias teatrais, vindas da Europa. O acesso por mar, a São Luís, contudo, foi sendo cada vez mais abandonado e, hoje, se dá através do Porto do Itaqui (navios cargueiros e algum perdido transatlântico) e da Rampa Campos Melo, com transporte de passageiros do interior do estado.

Outros caminhos foram abertos, ao longo da colonização. À antiga Estrada Real, que dava acesso a Belém, somou-se a estrada dos Correios e, rasgando o Campo de Perizes, a estrada de Ferro São Luís-Teresina, lamentavelmente desativada, fez história. Hoje, a Estrada de Ferro São Luís- Carajás cumpre esse papel de saída ferroviária da ilha, enquanto que a BR 135, perigosa e também conhecida como Rodovia da Morte, proporciona a entrada e a saída rodoviária da capital maranhense.

São comuns as notícias sobre mortes na BR-135. Cotidianamente acontecem acidentes graves na estrada, piorando a situação nos finais de semana, quando o movimento de veículos aumenta consideravelmente. O acesso por terra, não apresenta outra alternativa e a duplicação da estrada está sendo tocada a passo de tartaruga, enquanto que muitas vidas

já foram ceifadas devido a essa morosidade. Toda essa situação assusta e espanta o turista, sobretudo o doméstico. Pais de família devem pensar duas vezes antes de se arrisarem na rodovia fatídica.

Até há algum tempo atrás, os pia-distas de plantão diziam que a melhor saída para os problemas de São Luís era o aeroporto do Tirirical. Era! Mudaram até o nome do aeroporto para Hugo da Cunha Machado, e até hoje não sabemos a razão desse tresloucado gesto. O aeroporto está em reforma (ao que parece, permanente), há anos, prejudicando os passageiros que se arrisam a vir a São Luís e a todos aqueles que precisam sair da cidade, a passeio ou a negócios.

Há mais de quatro anos que o Ministério Público Federal vem pedindo à Justiça Federal que determine prazo, junto à Infraero e à Anac, para a conclusão da malfadada reforma das instalações do aeroporto. Até hoje apenas o mínimo foi feito para que o local continue prestando algum serviço aos usuários, pois o funcionamento regular do principal terminal de passageiros ainda está sem prazo de conclusão, pelo andar da caruagem. No aeroporto, cabe denunciar o lobby dos taxistas, que cobram valores acima da tabela aos passageiros incautos. Antigamente, um ônibus fazia linha até o local. Temos idos. Em toda capital existe o serviço de ônibus nos aeroportos. O que aconteceu com São Luís? Pelo visto, cresce que nem rabo de cavalo, para baixo. Como é que o turismo pode evoluir?

O aeroporto ainda apresenta um sério problema no que se refere à segurança. Pousos e decolagens se encontram em risco em razão do grande número de urubus que ficam circulando no ar acima do aterro sanitário da Ribeira, que fica perto do aeroporto. Sob responsabilidade da Prefeitura de São Luís, o aterro já deveria ter sido transferido do local. Vale tpcer para que nenhum acidente fatal ocorra em razão do choque de aeronaves com os urubus. Trocando em miúdos, toda essa situação prejudica o turismo no Maranhão, que já anda, há muito, vacilante das pernas. Lamentavelmente!

EXPEDIENTE

Editor Responsável

Reginaldo Rodrigues
SRTE 694/MA

Administração

João Rubem Nascimento

Assistente Administrativo

Nailde Ribeiro

Executiva de Contas

Ana Kezia Nascimento

Coordenação de Jornalismo

Paula Lima - SRTE 920/MA

Estagiária

Juliana Monteiro Vieira

Fotos

Reginaldo Rodrigues / Embratur

Reportagens

Paula Lima

Juliana Monteiro Vieira

Paulo Melo Sousa

Colaboração

Antônio Noberto

Beatrice Borges

Rafael dos Santos Marques

Pesquisador e Historiador

Marcos Tadeu N. da Silva

Projeto Gráfico

Wedson de Sousa

Tiragem

5 mil exemplares

Contatos p/ artigos, críticas e sugestões:

Fone Fax: (98) 3199-0040 / 8909-8347/ 8214-5279

jcazumba@jornalcazumba.com.br

reginaldorodrigues2010@hotmail.com

End.: Av Daniel de La Touche, 1001, sala 106, Ed. Elaine, Cohama, CEP: 65074-115.

Valor da assinatura anual R\$ 87,00

O jornal Cazumbá não se responsabiliza por textos assinados, assim como pela opinião do leitor.



Lendas do Maranhão

A Lenda do Pescador Encantado

Contam os mais antigos, que um patriarca de uma grande família, lá para as bandas de Raposa – MA, era conhecedor de muitas rezas e orações, que o protegia de tudo e de todos que o tentassem atingir. E que essas rezas e orações constavam em um livreto de família, passado de pai para filho de acordo com o merecimento. Esse pescador de porte atlético e altura mediana, além de tranquilo, também era muito brincalhão. Mas, não levava desaforo para casa. Suas pescarias eram sempre bem sucedidas, pois cautelosamente sabia o local e a hora exata de colocar a rede de pesca no mar. Após se aposentar se dedicou a criação de galinhas, porcos, gado leiteiro, e a cultivar em sua roça, ervas medicinais, legumes e verduras, em seu pequeno sítio que ficava em frente a um conhecido porto da cidade.

Certa vez, aborrecido com um vizinho de quem já havia alertado pela invasão de animais em sua roça, ele manda um recado ao mesmo dizendo que da próxima vez que um boi ou um porco do vizinho invadissem sua roça, ele mataria o animal à bala, e enviaria metade para o dono. A outra metade ele ficaria para cobrir seus prejuízos. E quando isso aconteceu, assim o fez. Seu vizinho revoltado

foi até a casa do pescador armado com uma espingarda para acertar as contas com ele. E no meio da discussão atirou no peito do Pescador Encantado. Percebendo que os chumbos que atingiram o pescador não penetraram em sua pele, o vizinho parte para cima do pescador com a espingarda, e tenta golpeá-lo. Porém, acaba sendo dominado pelo mesmo, que lhe toma a espingarda, a quebra em sua coxa, e dá uma surra daquelas no seu vizinho. Depois o manda para casa, recomendando ao mesmo que respeitasse seus cabelos brancos.

Anos depois já bem idoso, o Velho Pescador Encantado ao acordar, pede a toda família que naquele dia ninguém saísse de casa, e que não perguntassem por quê. Após o almoço em família, chama um dos netos para o seu quarto, e a portas fechadas conversa com o mesmo durante um bom tempo, e o entrega seu livro de rezas e orações. E pede ao mesmo que saísse do quarto, pois gostaria de descansar e que não fosse incomodado por ninguém. Horas mais tarde, ao perceberem que ele não levantou na hora de costume, foram até seu quarto e encontraram o Velho Pescador descansando eternamente.

Por Edson Duarte

Cazumbá Poético

Traduzir – se

Uma parte de mim é todo mundo
 Outra parte é ninguém
 Fundo sem fundo.
 Uma parte de mim é multidão
 Outra parte estranheza e solidão.
 Uma parte de mim pesa, pondera
 Outra parte delira.
 Uma parte de mim almoça e janta
 Outra parte se espanta.
 Uma parte de mim é permanente
 Outra parte se sabe de repente.
 Uma parte de mim é só vertigem
 Outra parte, linguagem.
 Traduzir uma parte na outra parte
 que é uma questão de vida ou morte
 será arte?

Ferreira Gullar

Você sabia?



O Maranhão é um estado com rica flora. Entre outras plantas, muitas ervas com propriedades terapêuticas podem ser encontradas aqui. Descubra para que serve e aprenda como pre-

parar o chá medicinal das folhas de ALFACE.

Nome comum: ALFACE

Nome Científico: Lactuca sativa L.

Parte Usada: Folhas

Indicação: Insônia

Modo de preparo:

Decocção: Ferver a metade da folha em 100 ml de água por 10 min. Filtrar e tomar antes de deitar.

PRO CÂRDIO

Ao lado da vida

**Urgência e Emergência
Hospital do Coração**

Rua do Apicum, 115 - Centro
Telefone: 98 - 2108 7000

Urgência e Emergência
Rua do Norte S/N
Telefone: 98 - 2108 7070



NO CERNE DA QUESTÃO

Por Antonio Noberto

*Turismólogo, escritor, sócio-efetivo do IHGM e sócio fundador da Academia Ludovicense de Letras – ALL.

Copa do mundo no Brasil: entre protestos e comemorações

Confesso que vi bom pedaço de mim, quando as multidões ocuparam as ruas do país reivindicando direitos em meados do ano passado. Aquilo foi mágico, quase não acreditei. Parecia a concretização de um sonho distante, que imaginava impossível. Minha rebeldia acadêmica (infelizmente desacompanhada de indignação), gerada pela desassistência e indiferença do poder público, estava ali na rua e na boca do povo, nos protestos contra o “inimigo” número um, o governo. Aquela turba com cartazes e palavras de ordem, cobrando mais probidade, saúde, segurança e educação me dizia, entre outras coisas, que eu precisava rever meus conceitos sobre os brasileiros, pois – como é do conhecimento geral – os nacionais só ocupavam as ruas para comemorar a vitória do time do coração, curtir a parada gay ou pular carnaval. Tudo aquilo ocorreu no período da Copa das Confederações, que foi uma espécie de prévia da Copa do Mundo. E agora, chegado o período de realização do grande evento, não são poucas as promessas de novos protestos. O problema é que o idealismo de todos nós pode ser sucumbido pelo interesse político-sectário infiltrado nos protestos originalmente pacíficos, vez que o evento acontecerá neste ano eleitoral. Somado a isto estão os bandidos que se misturam à multidão e tiram proveito realizando roubos e saques.

Os protestos começaram na capital paulista por inimagináveis vinte centavos majorados nas passagens do transporte urbano. O que gerou frases criativas do tipo “Pega os vinte centavos e enfia no SUS”. E o “tumulto” se espalhou pelo país. Agora, alguns manifestantes são contra os gastos ditos excessivos na infraestrutura do evento e a corrupção, outros pedem mais investimento em setores essenciais como saúde e educação, que também deveriam ter “... padrão FIFA”. E por aí vai! Nada mais justo igualar a qualidade da saúde e da educação ao que tem de melhor. Mas a conta não é tão fácil... É a velha e sempre atual frase do “cobertor curto”. Se puxar aqui descobre ali. Enfim, tudo reflexo de uma geração mais conectada e com demandas diferenciadas, que sabe que é preciso atitude para mudar o cenário secular. Por outro lado, se doravante nada mais puder ser construído

no Brasil pelo risco de corrupção, o país vai ficar “devagarzinho quase parando”.

Protestos e manifestações são importantes e até imprescindíveis para o funcionamento mínimo da estrutura estatal do país. Ficamos adormecidos por tempo demais. É preciso marcar presença e dizer que discordamos de tantas mazelas acumuladas em séculos de (má) colonização e administração ao avesso. Além do mais, as gerações recentes são herdeiras dos sonhos das gerações anteriores, que nunca deixou de aspirar um mundo melhor e nunca desistiu da busca do paraíso além do horizonte. Mas, é preciso raciocinar sem o ímpeto dos hormônios para obtermos o resultado ideal, porque o óbvio às vezes não é tão óbvio.

A oposição à Copa do mundo no Brasil faz lembrar uma passagem bíblica do Novo Testamento. No capítulo 12 do evangelho de São João, existe uma cena que faz um paralelo ao nosso tema. *Em Betânia, lugar onde Jesus havia ressuscitado a Lázaro, Maria Madalena lavou os pés do Senhor com um precioso bálsamo e os enxugou com os próprios cabelos. O odor agradável encheu a casa onde estavam. Judas, movido pela ambição e porque era “ladrão e cuidava da bolsa tirando dela o que queria”, atalhou: “Porque não se vendeu esse unguento por trezentos denários e não se deu aos pobres?”. Jesus, conhecendo o coração do discípulo que o haveria de trai-lo, disse: “Deixai-a; para o dia da minha sepultura ela guardou isto. Os pobres sempre os tendes convosco, mas a mim nem sempre”. Os problemas do país como saúde, segurança e educação sempre existirão. Ainda que todo o dinheiro investido na construção e reforma de estádios e de infraestrutura fosse investido na construção de hospitais, escolas, etc., sempre faltarão outros hospitais, outras escolas, creches, estradas, pontes, praças, etc., pois dificilmente se chega ao estágio ideal.*

Quem nunca preparou a casa ou fez uma festa e convidou parentes e / ou amigos? Mesmo as pessoas mais simples já fizeram isso. Não são as demandas caseiras cotidianas, como a substituição de uma janela avariada, uma calçada quebrada, trocar parte do telhado, adquirir uma cerca elétrica, comprar um móvel novo, contratar um jardineiro ou a necessidade de fazer qualquer reparo doméstico que nos impede de investir em uma festa

ou em um evento que consideramos importante. Se alguém perguntar aos que condenam a realização da Copa do Mundo no Brasil se eles nunca fizeram um investimento desta natureza, ou mesmo se nunca deram um *up grade* no visual ou no armário certamente se certificará que poderiam ser mais generosos.

E já que estamos falando de grandes eventos... Um professor norte-americano ficou feliz com a escolha do Rio de Janeiro para sede das próximas Olimpíadas. Ele defende que a cidade dele, Chicago, perderia se tivesse sido a escolhida para sediar o evento, pois o montante é demasiado e “não compensaria” o investimento. O desabafo pode mostrar uma realidade, mas é preciso contemplar o outro lado. Chicago é um destino turístico consolidado, como Estados Unidos. O Rio, por sua vez, apesar das levas de visitantes, ainda patina nos graves problemas estruturais e conjunturais. Problemas, aliás, verificados em todo o país. Mas, o maior ganho com eventos de grande porte são a longo prazo. Erra quem pensa que o Brasil é bem conhecido no exterior. Nosso país, infelizmente, carrega a pecha de terra distante e, portanto, desconhecida, além de muitas outras. Mas o que considero maior ganho é o fato de podermos sair do lugar comum. É a possibilidade de mostrarmos que o Brasil não é só agronegócio (que vive dando pressão no governo para obter empréstimos e outras vantagens). Copa do Mundo e Olimpíada é a chance de dizermos que não somos apenas celeiro, sótão, quintal, ruralistas e produtores de grãos. Podemos ser jardim, terraço, sala e vitrine. Os grandes eventos são boas oportunidades de sinalizarmos que podemos oferecer serviços de qualidade, turismo, lazer, tecnologias e entretenimento. É preciso uma visão maior, mais aberta e generosa para compreendermos que a bola está na marca do pênalti e a torcida, quase toda a favor, esperando soltar o grito de gol. A hora tão esperada chegou!

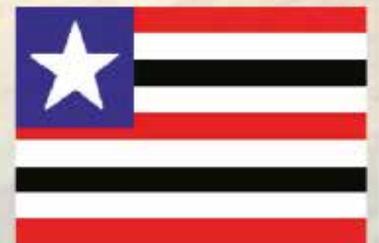
Quase esqueço a moral... Um grande evento sem protestos não tem a menor graça.



Cartório do 2º Ofício de Notas

Tabelião: Dr. Celso Coutinho
Substitutos: Dr. José Maria Pinheiro Meireles e
Gerson N. Coutinho

Com uma estrutura ágil e moderna para oferecer a você o melhor em serviços e plena segurança jurídica, escrituras, procurações, testamentos, reconhecimentos de firmas, autenticações, inventário, partilha, separação, divórcio e restabelecimento de sociedade conjugal



Rua da Direita, 402 - Centro • Tel: (98) 3232-8699 • 3221-2419 • Fax: (98) 3232-1810 - São Luís/MA

Entrevista

EDILSON BALDEZ

FIEMA

O presidente da Federação das Indústrias do Estado do Maranhão (Fiema), Edilson Baldez das Neves, é engenheiro e empresário do setor de construção civil e hotelaria. Em experiências anteriores, o atual líder do empresariado industrial maranhense já ocupou outros cargos em presidências: do Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Lanchonetes, Bares e Similares do Maranhão, assim como da seção estadual da Associação Brasileira da Indústria Hoteleira (ABIH).

JORNAL CAZUMBÁ - Qual sua avaliação do desenvolvimento industrial do Maranhão?

EDILSON BALDEZ - A indústria do Maranhão, assim como a do Brasil, teve uma pequena queda nos últimos meses, tendo em vista talvez o próprio momento de inverno. Geralmente nesse começo de ano as empresas se ressentem de sua produção. Mas, o Maranhão está tendo um crescimento bastante razoável em relação ao que está sendo proposto.

JORNAL CAZUMBÁ - O que seria necessário melhorar esse cenário?

EDILSON BALDEZ - Temos, ainda, chance de alcançar um crescimento em 2014. Até porque está havendo a implantação de várias empresas, que começam a se consolidar. Em Imperatriz, por exemplo, temos a Suzano que estava numa fase de construção, e está sendo concluída e entrará na fase de produção, então logo ela se conclui. A Refinaria Premium, que deu uma parada, mas temos informações que será reativada a sua construção. A Vale, que a princípio também teria desativado a duplicação da linha férrea, mas já voltou aos trabalhos. Assim como o Pier 4, no Porto Itaqui, que já começou a funcionar. É uma série de projetos que estão saindo da fase de construção e vão acelerar a sua operação. Isso é muito importante, porque passa a ser produção. Com isso, diminui o ritmo da construção civil, que é a implantação, mas eleva o nível de manufaturados.

JORNAL CAZUMBÁ - A mão de obra qualificada, ainda, é o principal entrave?

EDILSON BALDEZ - Eu diria que esse não é problema só do Maranhão, mas do Brasil. Nós adiantamos muito, caminhamos muito nesse sentido. A nossa previsão de matrícula para formar mão de obra chega a 90 mil em 2014, enquanto em 2013 nós tivemos um pouco mais de 70. Isso é o SESI, SENAI, SESC, SENAC e, ainda, tem o IFMA e universidades. Todo mundo está trabalhando na mesma direção. Participamos, inclusive, de uma reunião com a Secretaria de Educação, onde estavam todos os atores envolvidos para discutir a educação do Estado. E como já foi visto através do Maranhão Profissional nós temos conseguido atingir metas de formação de mão de obra. É claro que vai faltar, mas não que venha prejudicar o andamento ou a implantação de qualquer projeto no Maranhão.

JORNAL CAZUMBÁ - Que outras dificuldades existem no setor?

EDILSON BALDEZ - As nossas dificuldades são antigas. Problema de incentivo fiscal, que é uma discussão nacional, não temos a possibilidade de avançar muito porque, hoje, qualquer incentivo fiscal passa pelo Conselho Nacional Fazendário - CONFAZ e tem que ser aprovado por ele. Claro, que temos outros gargalos que são sérios, como a nossa legislação trabalhista, que praticamente inexistente e precisa ser discutida, enfatizada. Inclusive estamos em conversação com o Ministro do Trabalho para tentar resolver esse problema. Temos também a carga tributária que é grande, difícil de se administrar. E esses fatores contribuem para que as nossas empresas não sejam competitivas, principalmente, a nível internacional. Nós temos dificuldades de exportar, pois acabamos exportando impostos. Temos que avançar nessas discussões, nessas legislações para que possamos tornar as empresas maranhenses competitivas.

JORNAL CAZUMBÁ - Depois de tantas idas e



Foto: Divulgação

vindas no que diz respeito a Refinaria Premium. O senhor, ainda, acredita na instalação da mesma?

EDILSON BALDEZ - Acredito, porque uma empresa como a Petrobrás não iria fazer um investimento de mais de um bilhão de reais, como ela já fez, e jogar fora esse investimento. Então, eu acredito que ela vá ser implantada sim. Talvez ela não fique do tamanho que foi projetada, nem no prazo previsto. Mas, a própria presidente da empresa, que esteve aqui, nos garantiu que isso é uma questão de mercado, nacional, de posição internacional, que tem retardado, mas que acontecerá.

JORNAL CAZUMBÁ - O estado já teve vários ciclos industriais, como têxtil, babaçu e cana-de-açúcar. Agora, estamos na era do petróleo e gás, celulose, siderurgia, entre outras atividades. O senhor entende que será esse um ciclo sustentável e duradouro?

EDILSON BALDEZ - Acredito no gás, é uma energia que veio para ficar. Creio que daqui a pouco, inclusive, teremos gás encanado em casa. Não tenho nenhuma dúvida disso de que esse gás vai abastecer indústrias, mas o que menos irá fazer é ser transformado em energia, como já foi em um primeiro momento. É uma base energética que eu acredito. Em relação ao petróleo eu creio que sobreviverá por algum tempo, mas estão sendo desenvolvidas outras tecnologias. Então, a médio prazo ele não será mais essa base energética para o futuro.

JORNAL CAZUMBÁ - As empresas locais estão preparadas do ponto de vista de gestão, competitividade e oferta de bens e serviços de qualidade para essa nova onda de crescimento do estado?

EDILSON BALDEZ - Nos preparamos de acordo com a demanda. As empresas estão se preparando e a proporção que a demanda vai aumentando ela vai se qualificando. E nós temos um plano de qualificação de desenvolvimento dessas empresas, o Sebrae tem outro, o governo do Estado está trabalhando muito nisso. E já temos algumas empresas bastante evoluídas. Em comparação a cinco ou nove anos atrás já evoluímos muito. Até porque a tecnologia chega rápido, a comunicação é instantânea. Então, qualquer coisa que surge na China, por exemplo, rapidamente chega aqui. E temos um papel fundamental nesse cenário. Estamos através do IEL também preparando nossos gestores para

torná-los competitivos.

JORNAL CAZUMBÁ - O senhor citou alguns atores que trabalham com a qualificação de pessoas. Há um diálogo entre vocês? Conseguem de alguma maneira planejar, pensar a indústria, a economia, a educação do Maranhão?

EDILSON BALDEZ - Sim. Todos unidos em prol da educação. É governo federal, estadual, municipal, escolas particulares e esses atores que já citei. Hoje nós temos essa consciência de que precisamos trabalhar juntos. Para que pudéssemos dá um salto de qualidade já fizemos parceria com a UEMA, o IFMA para eles prepararem os nossos professores. Então, nós temos intercâmbio, temos parceria e trabalhamos de maneira convergente, com o objetivo final de desenvolver o Maranhão.

JORNAL CAZUMBÁ - O senhor faz parte também do trade turístico do Estado como hoteleiro e um dos principais problemas discutidos é em relação ao alto custo da capital. Inclusive a taxa de energia cobrada para o empresariado é muito alta. De que maneira a Fiema pode entrar nessa questão?

EDILSON BALDEZ - Nós já estamos entrando em entendimento. A ABIH, o SINDHORBS, ABAV. Todos nós estamos trabalhando, já coletamos as informações com a CEMAR. E vamos levar agora a quem de direito possa trabalhar isso. Por exemplo, levamos ao Governo do Estado porque nosso ICMS é alto. Por outro lado, o nosso ISS também é alto. Então, vamos procurar ver o que está pesando. Estamos construindo uma pauta para discutir com o poder constituído, que é responsável por essas coisas para ver de que forma possamos ser competitivos. Temos um produto turístico muito bom em potencial, mas precisamos arrumar ele e colocar na prateleira para poder vender, porque para isso ele ainda não está preparado.

JORNAL CAZUMBÁ - Ainda em relação ao turismo, faça uma avaliação do ano de 2013 e o que gostaria que acontecesse de fato em 2014.

EDILSON BALDEZ - Já temos a boa notícia da homologação do aeroporto de Barreirinhas. Só isso já vai dá um grande impulso, melhorando o fluxo de visitantes. Aquela estrada que liga Parnaíba a Barreirinhas é de sua importância que o asfalto seja feito. Outra coisa é o tratamento do Centro Histórico, temos que ver de que forma, o que podemos fazer com o nosso patrimônio histórico como forma de transformá-lo num espaço atrativo, que possa criar condições das pessoas virem aqui por conta desse patrimônio.

JORNAL CAZUMBÁ - Qual é o maior desafio da FIEMA hoje?

EDILSON BALDEZ - Consolidar a relação institucional. Já há sinalização do poder público nesse sentido. Já começamos a experimentar alguma coisa. Então, acredito que em 2014 nós vamos avançar. Mas, temos a certeza que a partir de 2015 nós iremos avançar muito mais, porque eu penso que não é questão das pessoas, de ser um governo ou outro, é porque neste momento teremos o nosso parque industrial consolidado a um ponto que não terá volta. O próprio poder público reconhecerá que há a necessidade de discutir com a classe empresarial o futuro do nosso Estado para que venha atender aos anseios da nossa população e de todos os envolvidos.



TRADE em AÇÃO

Por Paula Lima - Jornalista e especialista em Assessoria de Comunicação
paulaslimas@gmail.com / www.paulaslimas.blogspot.com

▶ Rota das Emoções



Os atores que fazem parte do roteiro integrado Rota das Emoções se reuniram, no último dia 07 de fevereiro na cidade de Barreirinhas, para debater o compromisso de efetuar ações que consolidem o roteiro turístico formado pelo Maranhão, Ceará e Piauí. Os 14 prefeitos dos municípios, que compõem a Rota, estavam presentes, também o secretário de Turismo do Maranhão, Jura Filho, representantes do Ministério do Turismo, Embratur, Sebrae e outros parceiros, além dos deputados estaduais Graça Paz, Marcelo Tavares e Rubens Pereira Junior. Após a reunião, foi realizada uma visita ao Aeroporto de Barreirinhas, que teve seu registro homologado pela Agência Nacional de Aviação (Anac), no dia 27 de janeiro. Nos próximos dias o Instituto de Comando da Aeronáutica vai emitir um Aviso Público, marcando a última etapa para a abertura do aeroporto ao mercado de empresas de aviação.

Fotos: Divulgação



▶ Direitos em pauta

O guia de turismo agora tem direitos e deveres explícitos em portaria publicada no Diário Oficial da União, a portaria 27/2014. De acordo com a portaria, para se tornar um guia de turismo, os profissionais podem ser brasileiros ou estrangeiros residentes no país, devem passar por curso técnico de formação profissional e apresentar cópia de diploma de curso de idioma ou exame de proficiência, quando forem cadastrados como guia de excursão internacional. Também devem portar um crachá de identificação durante a atividade e ter registro no Ministério do Turismo, por meio do Cadastur. A portaria sugere que estes profissionais tenham acesso gratuito, quando possível, a museus, galerias de arte, exposições, feiras, bibliotecas e pontos de interesse turístico. O guia também deve esclarecer os serviços e os valores prestados aos turistas, e não pode cobrar comissão.

▶ Abav 2014



A Abav Expo Internacional de Turismo terá diversas mudanças na edição deste ano. A informação foi confirmada por Antonio Azevedo, presidente da entidade. As alterações são resultado do feedback do público que esteve presente no evento em 2013. O layout desta vez será diferente. A área da Braztoa vai mudar de lugar, assim como a Vila do Saber. As parcerias com Abracorp e Abeta permanecem, assim como a sala reservada aos agentes de viagens associados. De acordo com ele, a mudança para São Paulo agradou, alcançando índice de satisfação de 92%, segundo pesquisa. Com relação às vendas de pacotes turísticos - outra novidade já anunciada - as mesmas serão feitas através dos agentes de viagem associados à Abav. Para atrair o público, Azevedo promete aumentar a divulgação.

▶ Senac

O Diretor Regional do Senac Maranhão, José Ahirton Batista Lopes, recebeu, no mês de janeiro, o prefeito do município de Vitorino Freire, José Leandro Maciel. O prefeito esteve no gabinete da Direção Regional no intuito de articular uma parceria com a Instituição, no que diz respeito à realização de programações de educação profissional na cidade, de modo a oferecer à população, a possibilidade de ingresso no mercado de trabalho, por meio do emprego ou geração de renda. "O SENAC disponibilizou, inicialmente, ao município, uma programação de cursos, através do Programa SENAC de Gratuidade, comprometendo-se, entretanto, que em uma próxima oportunidade, na condição de ofertante do Pronatec, submeterá ao Ministério da Educação, uma boa proposta de realização de cursos gratuitos em Vitorino Freire", destacou José Ahirton.



ENTREVISTA



O prefeito de Barreirinhas, Léo Costa, entre o secretário de Turismo de São Luís e seu adjunto, Lula Fylho e Guilherme Marques. Eles se reuniram, no mês de janeiro, para alinharem uma agenda comum para divulgação das duas cidades.

► Investimentos



O Sistema Fiema triplicará o volume de investimentos em 2014. A previsão é que sejam aplicados R\$ 36,1 milhões, na construção de novas unidades, aquisições de unidades móveis, renovação de equipamentos e treinamento de pessoal. No ano passado, as quatro casas que compõe o Sistema – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), Serviço Social da Indústria (Sesi), Instituto Euvaldo Lodi (IEL) e a própria Fiema – aplicaram R\$ 11,5 milhões. Os maiores esforços serão feitos na construção de duas novas unidades para o Senai – uma em Rosário e outra em Açailândia – e de sete novas unidades Sesi Indústria do Conhecimento. Segundo o presidente da Fiema, Edilson Baldez das Neves, os recursos já estão disponíveis.



► Hotelaria

No mês de janeiro, a Associação Brasileira da Indústria de Hotéis do Maranhão – ABIH/MA realizou a primeira edição do Encontro de Hoteleiros. Na reunião foi apresentada a diretoria para o biênio 2014/2015 liderado pelo hoteleiro João Antônio Barros Filho. Ainda, houve apresentação do plano de ação para essa gestão bem como um novo planejamento estratégico para a entidade. Na ocasião, João Barros agradeceu a presença de todos de forma simpática e falou da importância da união dos empresários hoteleiros da cidade: “A nossa união é importante para o fortalecimento da hotelaria na cidade e manutenção dos nossos serviços”.



► Consultoria

O SINDHORBS/MA - Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares do Maranhão recebeu a visita da assessora técnica da Federação e da Confederação Nacional do CNC - Comércio de Bens, Serviços e Turismo, Márcia Alves, para trabalhar a reelaboração do plano estratégico para entidade a ser aplicado ao longo deste ano. O treinamento foi ministrado entre os dias 4 e 5 de fevereiro para a equipe técnica e também para a diretoria. A executiva do Sindhorbs Maranhão, Mary Silva, lembrou que a vinda da consultora da CNC é fruto do bom trabalho que o sindicato faz de sua participação no SEGS.



AGUARDE. Um novo Restaurante Senac vem aí.

O Restaurante Senac está modernizando suas instalações. Em breve, os pratos irresistíveis, o atendimento excelente e todo o sabor que São Luís aprecia estarão de volta, com ainda mais conforto e qualidade. Prepare-se para sentir o sabor dessa novidade.

Restaurante SENAC
Classe, sabor e requinte
no coração do Centro Histórico



Por: Rafael dos Santos Marques

Agência MARAZON TURISMO

Fotos: Myleny Rubia e Rafael Marques



A Rota do Açaí

Passeio único em uma cidade única: gastronomia típica, ecoturismo e cultura popular na zona rural da ilha de São Luís

São Luís realmente é uma cidade única e com forte autenticidade. A sua intensa miscigenação, a sua vibrante cultura popular, a sua história e a sua condição insular com belezas naturais são atributos de uma cidade genuína, atrativa e muito brasileira. De tantas coisas que a tornam única, talvez uma das que mais salta aos olhos é a sua localização geográfica. São Luís é uma ilha nordestina no começo do litoral da Amazônia, ou ao contrário: é Amazônia com um pé no Nordeste. É um “Nordeste Amazônico”. É ambos e ao mesmo tempo nenhum dos dois. Por essas singularidades e características, quem visita São Luís esperando

encontrar um destino tipicamente nordestino, não encontrará. Da mesma forma ninguém pode esperar encontrar em São Luís um destino essencialmente amazônico. Por outro lado, quem visita São Luís encontrará nuances do Norte entrelaçadas às do Nordeste e muita coisa própria, que só se vê aqui nesta bela ilha tropical brasileira.

Essa característica múltipla nem sempre é muito evidente e pode passar despercebida para os menos sensíveis. São Luís, em primeira instância e por determinação política, é Nordeste, apenas. Além disso, os passeios tradicionais oferecidos aos turistas não evidenciam o nosso

“lado amazônico ou nortista”. Pensando nesse nosso potencial “geográfico”, a agência MARAZON TURISMO inovou e criou a “ROTA DO AÇAÍ”, um roteiro com a cara da Amazônia e do Maranhão em plena zona rural da Ilha de Upaon Açu. Mais conhecido entre os maranhenses por “Juçara”, o Açaí é tão tradicional no Maranhão como o é no estado vizinho do Pará, apesar de não ser cultivado em larga escala e ainda não ser devidamente explorado turisticamente em terras maranhenses. (é considerada a árvore oficial do município de São Luís). Cientificamente, é a mesma fruta e a mesma espécie (nome científico: *Euterpe Oleracea*). Muitas vezes surgem discussões

**Turista aprendendo a bater o açaí (juçara) para tirar a sua polpa, de forma manual**

e dúvidas acerca desse tema – provocadas por diferenças no sabor, cheiro e textura da fruta, da polpa e da semente, e também pelo desconhecimento. Essas diferenças são sutis e ocorrem naturalmente devido às variações de clima e solo de cada região, e pelas formas de preparação do chamado “vinho do açaí”, peculiares a cada produtor. No entanto, há mais semelhanças do que diferenças e a forma de consumir é praticamente a mesma entre todos os amazônidas (maranhenses inclusos). Hoje o consumo do açaí não se restringe à Amazônia e virou mania nacional, tendo o Pará como o principal fornecedor aos mercados extra-amazônicos, apesar de que a forma de consumir a fruta muda radicalmente fora de nossa região. Também tendo em mente essa grande popularidade, surgiu a “Rota do Açaí” e não a “Rota da Juçara”, uma vez que o nome “Juçara” para denominar o Açaí é empregado apenas no Maranhão e pode causar confusão para quem vem do Sul e Sudeste do país, de onde a “palmeira juçara” é nativa (uma outra espécie – típica da Mata Atlântica), hoje ameaçada de extinção pela extração predatória do seu palmito, altamente valorizado no mercado nacional.

Juntando o “queijo com a goiabada”, surge o bairro do Maracanã, tradicionalíssimo quando se fala em açaí (juçara) e de cultura popular tipica-

mente ludovicense e maranhense. O Maracanã faz parte de uma A.P.A (Área de Proteção Ambiental), uma unidade de conservação estadual de uso sustentável que, junto ao Parque Estadual do Bacanga (de proteção integral), forma o maior corredor verde da Ilha de São Luís.

A Rota do Açaí dura em torno de 3 / 4 horas e começa com uma trilha ecológica no meio da mata fechada. Na trilha o visitante pode conhecer dois ecossistemas florestais: o das várzeas e o de terra firme. É importante frisar que é um roteiro de turismo comunitário, em que os próprios moradores são os principais envolvidos. O simpático guia Adriano, nativo do bairro e de uma família tradicional de raízes históricas no Maracanã, discorre acerca da interessante história do bairro que remonta ao povoamento do interior da ilha no século XIX e das peculiaridades locais, não sem antes fazer uma dinâmica para “quebrar o gelo” com os turistas. Logo em seguida, passo a passo, o visitante adentra no mundo encantando da biodiversidade e da exuberância da flora nativa, com ênfase nos juçarais (açazais). A palmeira é uma ilustre desconhecida para muitos brasileiros do sul, sudeste, centro-oeste e a maior parte do nordeste. Esguia e altaneira, desafia a quem se propõe a subir nela. Sem a “pêia” ou “peconha”, é praticamente impossível alcançar os cachos da

fruta (ou “vassouras”) da palmeira, lá em cima. O guia mostra como se faz e logo a seguir, em um momento de descontração, convida o visitante a tentar fazer o mesmo.

Outras frutas e árvores nativas como bacuri, caju, andiroba, babaçu, buriti, inajá, barrigudeira (sumaúma), guanain - entre outras – são apresentadas. Com alguma sorte, avistam-se animais silvestres como bichos preguiça, pássaros, iguanas e outros. A trilha é curta, mas o suficiente para apresentar a flora tipicamente pré-amazônica de nossa região e para despertar ainda mais a curiosidade e a fome para provar o açaí (juçara) – tal qual é preparado e consumido em terras maranhenses.

O “Parque da Juçara” é um ponto de referência do bairro e abriga no mês de outubro uma das mais importantes festas tradicionais de São Luís – a “Festa da Juçara”. É neste cenário que o visitante chega logo após a trilha. Na Barraca #5 (São José), acompanha uma demonstração da produção do “vinho do açaí” da forma mais tradicional (manualmente) e a mais moderna (pela máquina); geralmente é neste momento que tem o primeiro contato com a fruta propriamente dita. Depois disso chega o momento mais esperado pela maioria: a degustação do açaí ou juçara *in natura*! Com direito a farinha e camarão,



A iguaria como é tradicionalmente consumida no Maranhão

com ou sem açúcar.

Estômagos e curiosidades saciados, é a hora do folclore, não sem antes apreciar e/ou levar como lembrança alguma(s) das peças do lindo artesanato original do bairro, produzido com a própria matéria prima natural, como o açai (ou juçara). A outra fama do Maracanã é sua marca registrada e sempre presente quando falamos de cultura maranhense. Tambor de Mina, Reisdos, grupos carnavalescos, Tambor de Crioula... O Maracanã tem um pouco de tudo. No entanto, a "jóia da coroa" é o grupo tradicionalíssimo do Bumba Meu Boi do Maracanã – Sotaque de Matraca ou da Ilha. Um dos mais conhecidos, antigos e prestigiados Bois de Matraca do Maranhão, o Bumba Meu Boi do Maracanã é a maior expressão cultural do bairro da juçara (ou do açai) e - por extensão - um dos mais importantes da Ilha do Bumba Meu Boi. O seu barracão tradicional, no Maracanã, é o "QG" do grupo. É onde acontecem as reuniões, os ensaios, os bordados, os preparativos, o batizado e o ritual da morte do Boi. Também é onde se guarda boa parte das indumentárias dos brincantes, dos instrumentos, troféus e onde fica o próprio Boi – principal personagem da maior festa maranhense. O Barracão, através do projeto federal do Ministério da Cultura "Ponto de Memória", virou um museu comunitário e fecha com chave de ouro a Rota do Açai. Imprescindível para quem quer ter o primeiro contato com o nosso rico folclore no seu berço (especialmente fora da época de São João), produzido pela miscigenação intensa entre negros, brancos e índios, nesta ilha amazônica situada no Nordeste Brasileiro.

Pegando carona no apelo da gastronomia regional, a ROTA DO AÇAÍ também é natureza, artesanato, folclore e comunidade tradicional em um só passeio. É uma mostra viva, autêntica e interativa da alma da Ilha de São Luís. É única!



A Rota do Açai começa com a trilha ecológica na mata fechada



O Barracão do Bumba meu Boi do Maracanã é um museu Vivo do folclore da ilha

Por: Juliana Monteiro Vieira



Maranhão na Tela: fomentando o cinema local

A 7ª arte foi a grande estrela do Centro Histórico da capital maranhense no final no primeiro mês do ano. Ocorreu nos dias 23 a 31 de janeiro, no Centro de Criatividade Odylo Costa, filho, o festival de cinema Maranhão na Tela, em sua 6ª edição, realizado com o intuito de fomentar a produção audiovisual maranhense, favorecendo seu desenvolvimento e aprimoramento por meio da oferta de cursos de capacitação gratuitos na área do cinema e debates com grandes nomes da área. Além disso, mostras cinematográficas foram disponibilizadas gratuitamente ao público em geral, proporcionando aos telespectadores um maior contato com a arte do cinema.

Os cursos oferecidos foram Direção de arte, Direção de ator, Dramaturgia, Figurino, Desenvolvimento de projetos, Desenvolvimento de personagens, Direção, Trilha para cinema, Por trás da cena (voltado para atores e não atores) e Produção cinematográfica, todos ministrados por professores reconhecidamente gabaritados. Ainda houve uma master class sobre direção com o renomado cineasta Ruy Guerra – moçambicano que, antes de radicar-se no Brasil, espe-

cializou-se em direção, produção e montagem em uma escola de cinema em Paris (1952) –, que inclusive foi homenageado em uma das mostras de cinema realizadas durante o evento.

Ao todo, o evento abrigou cinco mostras e mais uma mostra paralela, tendo sido exibidos 29 filmes durante os nove dias do evento. Além da mostra que homenageou o professor da Master class de direção, Ruy Guerra, que contou com a exibição de algumas de suas produções mais famosas – “Os Cafajestes” (1962), “Os Fuzis” (1964) e “A Ópera do Malandro” (1986) –, também recebeu homenagem o ator baiano João Miguel, protagonista do filme “Xingu” (2012), com a exibição dos filmes “Cinema, Aspirinas e Urubus” (2005), “Ex Isto” (2010) e “A Hora e a Vez de Augusto Matraga” (2011), dos quais ele participou como integrante do elenco.

A mostra “Música para os olhos” trouxe documentários com temática voltada para o universo musical, contando a história de músicos e bandas brasileiras, além de, em um dos filmes (“A batalha do Passinho”, 2013), tratar sobre uma manifestação cultural carioca, uma nova forma de dançar o funk: o Passinho. Já a mostra “Midni-

ght” trouxe temáticas mais sinistras, tendo psicopata e zumbis como algumas das personagens encenadas.

A mostra “Panorama Brasil” tratou sobre temáticas diversas. O ponto em comum entre elas é o desvelar do Brasil e da cultura brasileira sob os mais diversos ângulos: religioso, relações de trabalho, questões mercadológicas, belezas naturais e outros.

Houve ainda uma mostra paralela ao evento, a pré-estreia do São Luís nos 4 cantos, mostra de cinema que conta dez histórias maranhenses em dez curtas-metragens, sendo, destes, quatro filmes de ficção e seis documentários. Catorze meses de trabalho foi o tempo necessário para dar vida às histórias narradas nos curtas.

O Centro Histórico de São Luís, local que abraça inúmeras atividades culturais e artísticas da ilha, recebeu o evento com grande disposição. Para alguns dos filmes exibidos foi necessário haver duas ou três sessões não programadas para que o maior número de pessoas pudesse assisti-los. O evento que veio para celebrar e fomentar a 7ª arte no estado foi um sucesso! Que venha a 7ª edição!

Foto: Juliana Monteiro Vieira



EM SÃO LUÍS
ANDE CONOSCO!
(98)3246-1500

RESERVAS NACIONAIS: 0800 709 2535
Av. Daniel de La Touche - Cohama - São Luís/MA

YES[®]
aluguel de carros

PLANTÃO: 8115-1100

Site: www.yesrentacar.com.br
E-mail: saoluís@yesrentacar.com.br

Por: Paulo Melo Sousa

Caranguejo: Da lama ao ar condicionado

Uma das atividades extrativistas de grande importância no Maranhão é de catador de caranguejo. São pescadores, trabalhadores informais, que geralmente trabalham sem proteção ou garantias trabalhistas e que se arriscam para garantir na mesa do brasileiro uma das iguarias mais saborosas de nossa culinária. Os riscos são variados: acidentes com embarcações, com os apetrechos de pesca, com o próprio pescado, afogamentos, além de estarem expostos à grande radiação solar e às variações climáticas. Há ainda a sobrecarga de peso, grande jornada de trabalho e a própria atividade noturna que potencializa mais os riscos, com aumento da insalubridade.

Analisando o caso maranhense, tais catadores possuem baixa escolaridade, com significativa quantidade de analfabetos. Em regiões isoladas, tais como ilhas, nas quais o acesso é mais difícil, como no caso da região das Reentrâncias Maranhenses, os problemas são maiores, com relatos de doenças ou abalos à saúde, provocados pela atividade.

A prática da cata de caranguejo, assim como a dos coletores de mariscos como sarnambis e sururus é uma das atividades informais desenvolvidas por comunidades pesqueiras e passadas de geração a geração, caracterizando por décadas uma verdadeira tradição familiar. A atividade pode ser classificada como artesanal ou comercial. Artesanalmente, os catadores são autônomos, trabalham sozinhos ou em parcerias, participam diretamente da captura, usando instrumentos relativamente elementares, tais como cofos ou facas pequenas. Algo em torno de 45% da produção brasileira na área pesqueira é de cunho artesanal, e nesse contexto estão situados os catadores de caranguejos.

Os caranguejos, capturados no braço pelo catador, que se embrenha no mangue e se atola na lama para retirar do buraco os crustáceos, são enfeixados em cambadas e acondicionados em cofos para a comercialização. Os catadores, assim como os pescadores, estão sujeitos à atuação dos atravessadores, que compram o produto a um preço irrisório e o revende a valores altíssimos. Essa realidade pode se verificar em

todo o litoral maranhense, como se observa em Araiões, por exemplo.

Nesse município maranhense existe a comunidade de Carnaubeiras, que abriga a maior comunidade de catadores de caranguejo do país, sendo a produção exportada principalmente para Fortaleza, onde cada caranguejo é vendido a um preço dez vezes maior do que aquele pago aos trabalhadores, sem que haja uma ação do governo para solucionar o problema.

Carlos Alexandre Sotero, morador de Carnaubeiras, afirma que “para aqueles moradores que ficam no povoado, a vida é muito difícil, pois aqui se começa a catar caranguejo aos desde criança e a aposentadoria só chega aos 60 anos, o que é um verdadeiro sacrifício para um ser humano, e muitos morrem antes de alcançar a aposentadoria; então, é preciso desenvolver uma política para melhorar a vida dessas pessoas, primeiramente levando os catadores a uma tomada de consciência da realidade à qual estão submetidos e, depois, promovendo a agregação de valor ao caranguejo, ou seja, industrializando a carne do caranguejo, gerando renda justa para o catador, sua família e para Carnaubeiras”. No grande contingente de catadores, o trabalho infantil existe de forma acintosa e não é coibido na região.

Do povoado saem diariamente embarcações que levam pescado, caranguejos e ostras para Parnaíba, que distribui os produtos para outros estados, dentre os quais o Ceará.

Em Fortaleza, o turista desconhece que come o caranguejo do Maranhão. A carne do caranguejo é bastante saborosa, e constitui inúmeros pratos da culinária maranhense, dentre os quais a salada de caranguejo, a patinha ao molho, o caranguejo no toc toc, o casquinho de caranguejo, a torta, o caranguejo cozido no leite de coco, dentre outros pratos.

Ultimamente, a carne de caranguejo tem constituído pratos inusitados como pizzas de caranguejo ou beiju com recheio de caranguejo, pousando em pratos de restaurantes refinados, em hotéis de nível internacional, que servem ao gosto exigente dos turistas. Novos sabores de um alimento que faz parte indissociável da cultura gastronômica do Maranhão.





O MOCHILEIRO

Por Reginaldo Rodrigues
Jornalista e Turismólogo
reginaldorodrigues2010@hotmail.com

Foto: Paulo Melo Sousa



Florianópolis: Turismo de ponta no sul do Brasil

Capital do estado de Santa Catarina, detentora de melhor Índice de Desenvolvimento Humano entre as capitais brasileiras, a cidade de Florianópolis, uma das capitais brasileiras situadas em ilhas, com quase meio de milhão de habitantes, ostenta atrativos que vão além da Ponte Hercílio Luz, inaugurada em 1926 e que liga a ilha ao continente. Banhada pelo Oceano Atlântico, as praias do litoral sul e norte são paradisíacas, como é o caso da Praia Brava.

Além de águas cristalinas, belezas naturais incontestáveis e belas ondas que favorecem a prática do *surf* e do *bodyboarding*, a Praia Brava possui fundo esburacado e forte repuxo, sendo vigiada permanentemente por um competente grupo de salva-vidas. Localizada a 38 quilômetros do centro da cidade, conta com pouco mais de 1,5 quilômetros de extensão, apresentando faixa de areia clara e fina que pode chegar a 150 metros de largura, atraindo muitos banhistas, sobretudo, no período de alta temporada, como no natal e no réveillon.

Cercada por morros, para se chegar à Praia Brava é preciso se passar por um mirante, tendo uma bela vista panorâmica paradisíaca do local. Desde a década de 70 surgiram no local muitos condomínios luxuosos, com infraestrutura de ponta. A área apresenta atualmente ótimas opções de hospedagem, restaurantes e bares, como é o caso da Toca do Jurerê, que oferece, dentre outras guloseimas, uma garoupa cozida ao molho de camarão de deixar qualquer um com água na boca. Para os amantes do ecoturismo, muitas trilhas estão disponíveis nas cerca-

nias da praia.

No centro geográfico de Florianópolis, o bairro da Lagoa da Conceição abriga praias, dunas, montanhas e a maior lagoa da Ilha, o que transformou o lugar no ponto turístico natural mais conhecido da ilha. Na lagoa é comum se encontrar praticantes de *windsurf*, vela, caiaque, *kite surf* e *jet ski*. Durante o dia e até o início da noite, moradores pescam siris e jogam tarrafas na beira da lagoa, sempre trazendo algum peixe na rede. Os morros em volta servem de partida para vôos de parapentes e asas-delta, e várias trilhas disponibilizam passeios ecológicos e de *mountain bike*. Além disso, existem muitos passeios de escuna por preços bem camaradas. Os barcos costumam sair do final da Avenida das Rendeiras. Lá também é possível alugar caiaques e pedalinhos.

Para quem já ouviu falar das tradicionais rendas de bilro, há várias lojinhas na beira da avenida, onde se pode comprar toalhas, cortinas e até vestidos. São peças feitas à mão, não só de renda, mas também de crochê e tear. Um dos principais pontos é o Shopping Via Lagoa, que conta com cerca de dez lojas e uma pequena praça de alimentação. A grande quantidade de bares fazem da noite da Lagoa a mais procurada nesta época do ano. A diversão começa cedo, geralmente no jantar, que varia de comida típica a pizza, passando por comida chinesa, japonesa, mexicana, argentina, italiana, alemã, além da opção das lanchonetes. Na Lagoa também estão localizados alguns dos restaurantes mais chiques da cidade.

Vale a pena curtir lugares calmos com mú-

sica ao vivo, apresentando bandas alternativas, boates, bar com pista de dança ou ao ar livre, situados no Canto da Lagoa, no Canto dos Araçás, no Centrinho, na Avenida das Rendeiras e no Caminho para a Praia Mole.

A região do bairro Lagoa da Conceição foi habitada primeiramente pelos índios Carijós, do tronco Tupi Guarani. Os vestígios dessa população são os sítios arqueológicos, onde foram encontrados pontas de flechas e sambaquis. As oficinas líticas, denominação dos lugares usados para fazer ferramentas, podem ser vistas nas pedras da Joaquina e da Galheta. Os índios também marcam presença em algumas heranças deixadas aos açorianos, entre elas o cultivo da mandioca e o feito de canoa de garapuvu.

Na ponta norte da ilha, vale a pena visitar a Fortaleza de São José da Ponta Grossa, situada entre as praias do Forte e de Jurerê, um belo exemplar arquitetônico do século XVIII. Formando um sistema defensivo em conjunto com as Fortalezas de Santa Cruz de Anhatomirim e Santo Antônio de Rationes, integrava o sistema triangular de defesa da Barra Norte da ilha contra investidas estrangeiras e para consolidar o domínio português no sul do país. Foi idealizada pelo Brigadeiro José da Silva Paes, primeiro governador da Capitania de Santa Catarina. Em 1938, foi tombada pelo IPHAN e se encontra aberta à visita sob a tutela da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis apresenta surpresas magníficas, e cada uma delas com uma diversidade que agrada e deleita o visitante.

Racionalização de energia, responsabilidade de todos!



Durante séculos, a humanidade sempre se utilizou dos recursos naturais como se os mesmos fossem infinitos. Esse pensamento foi alimentado pela pequena pressão exercida pelos homens sobre os inúmeros ecossistemas existentes no planeta, o que permitia recuperação de áreas degradadas, após alguns anos ou décadas. A explosão demográfica foi um dos fatores que veio se tornar um grave complicador do processo, ao lado do advento da Revolução Industrial, que trouxe no seu bojo a produção em série, o acúmulo de lixo e a invenção do plástico, um dos produtos artificiais mais prejudiciais ao meio ambiente.

Para poder sobreviver na Terra, o Homem teve que lançar mão de sua inteligência, e criar artefatos, através do acesso à tecnologia, que o ajudaram na sua caminhada histórica. Desde o domínio do fogo, passando pela Idade dos Metais, até a era atômica, todo e qualquer objeto fabricado pelo homem produz lixo, ao longo do processo de fabricação, e que, em última instância, vai se acumulando na natureza. Nesse contexto, qualquer produção de energia produz

destruição ambiental e, naturalmente, lixo. Para acionar o fogo, o homem teve e continua tendo que usar, por exemplo, madeira, proveniente de árvores. A própria queima já produz fumaça, que polui o ar, e calor, que colabora com o efeito estufa.

Na modernidade, a energia é obtida através de vários meios: hidrelétricas, termoeletricas, energia nuclear, dentre outras. Todas essas formas causam danos ao meio ambiente. As hidrelétricas geram energia através da transformação de energia potencial em elétrica através de um gerador impulsionado pela força da água; a construção das hidrelétricas promove resame-nto de grande quantidade de água que, por sua vez, deslocam comunidades inteiras de seus locais de origem, causam a morte de milhares de animais e afogam centenas de milhares de árvores, interferindo diretamente na conformação de ecossistemas.

As termoeletricas usam, por exemplo, a energia liberada de qualquer produto que possa gerar calor, tais como carvão natural, madeira, óleo combustível, gás natural, sobra de madeira. No processo de geração de energia, o material

é queimado aquece água que produz vapor; este, submetido a alta pressão, move as pás da turbina de um gerador, produzindo, então, energia elétrica. Nesse processo, após a utilização do carvão mineral, sobram o mercúrio, o cádmio e o chumbo, dentre outras substâncias tóxicas extremamente nocivas ao meio ambiente.

Nas usinas nucleares, o lixo atômico, tido como um dos mais prejudiciais ao meio ambiente. Formado por quaisquer resíduos de compostos radioativos que perderam sua utilidade de uso, após o processo de fissão nuclear, os resíduos do urânio e de outros elementos radioativos podem levar de 50 a 100 anos para perder sua radiação. A poluição nuclear pode surgir a partir do acondicionamento incorreto de tais resíduos, acidentes quando de seu transporte ou de acidentes nas usinas nucleares, como já aconteceu antes em ThreeMileIsland (EUA), Chernobyl (o maior de toda a história, na antiga URSS) e o de Fukushima, em razão da Tsunami de Tóhoku, no Japão, em 2011.

Diante do exposto, fica claro que a geração de energia provoca impacto ambiental, lixo e acidentes ecológicos que causam danos gravíssimos aos ecossistemas do planeta Terra. Dessa forma, é necessário que se promova uma permanente fiscalização da exploração industrial dos recursos naturais que produzem energia, bem como uma educação ambiental permanente da população, no sentido de usar, de forma racional e responsável, a energia que é consumida.

Alguns conselhos são muito úteis. Não use aparelhos elétricos nos horários de pico do sistema, entre 17 e 22 horas. Prefira as lâmpadas fluorescentes, elas duram mais e gastam menos; evite o uso de lâmpadas durante o dia, compre ar condicionado que indique como economizar energia, isso é útil no verão, pois o aparelho pode representar um terço da energia consumida em uma residência. Use o ferro elétrico só quando houver boa quantidade de roupas para passar, e não use a parte traseira para secar roupas. São dicas importantes, dentre centenas de outras, que pode representar não apenas economia para o seu bolso, mas, sobretudo, proteção à natureza nestes tempos de grandes danos ao meio ambiente, de poluição de rios, destruição de florestas, efeitos estufa e outras pragas apocalípticas.

Foto: Internet

Sesi Folia 2014

Concurso de Fantasia com premiação!
Categorias: Adulto e Infantil

Data: 1º de março (sábado)
Horário: 17h às 22h
Local: Sesi Clube Araçagy

INFORMAÇÕES:
Sesi Clube (98) 3248 1969

FIEMA SESI

Por: Paulo Melo Souza

Fotos: Divulgação



Maranhão: Um destino turístico viável?

O Maranhão é um destino turístico que possui enorme potencial. No entanto, essa dádiva nunca foi devidamente aproveitada, tanto pelos gestores quanto pelos empresários ligados ao setor. A exploração da atividade turística no Estado ainda é amadora se comparada a outros lugares do país. É necessário capacitar cada vez mais agentes e operadores de viagem locais para a comercialização dos destinos turísticos do Maranhão, bem como melhorar os equipamentos turísticos, oferecendo um serviço de qualidade.

É crucial a introdução de uma política pública que seja realmente eficiente, com investimentos sérios, com foco na capacitação de mão de obra e recuperação de atrativos, tais como o patrimônio arquitetônico de cidades como São Luís e Alcântara, limpeza e preservação de paraísos naturais como as praias e rios, e melhoria da rede hoteleira, de bares e restaurantes.

Existem destaques turísticos muito poderosos no Maranhão, tais como São Luís, patrimônio da humanidade, os Lençóis Maranhenses, a Chapada das Mesas, a Floresta dos Guarás, dentre outros atrativos ímpares. Às belezas naturais e aos prédios históricos se somam a rica cultura e a nossa diversificada gastronomia.

Estado muito bem servido de praias e de cidades históricas, o Maranhão nada deve aos atrativos turísticos encontrados no restante do Nordeste e possui belezas singulares. O Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses abriga magníficas morrarias, dunas de areias brancas formadas pela ação do vento, que vai alterando a paisagem, oferecendo o deleite de milhares de lagoas de água doce e cristalina, que vem atraindo turistas do mundo inteiro.

Por sua vez, o Parque Nacional da Chapada das Mesas é um destino turístico totalmente adequado para quem procura maior contato com a natureza e para a curtição de esportes radicais. A Chapada oferece a opção de inúmeros morros, riachos e impressionantes cachoeiras, que servem para a realização de prática de montanhismo, rapel, trilhas e outros esportes de aventura.

São Luís, tombada pela Unesco como cidade Patrimônio da Humanidade, esnoba o fato de ter sido a única cidade do país fundada por franceses, abrigando um centro histórico que ostenta uma arquitetura diferenciada da maioria das cidades brasileiras com mais de cinco mil casarões tombados, sendo a cidade da América Latina que abriga o maior número de exemplares da arquitetura colonial e pombalina, de origem portuguesa.

É certo que houve certa movimentação do governo em relação ao setor turístico, sobretudo, a partir da implantação do Plano de Desenvolvimento Turístico Integral do Maranhão – Plano Maior. A intenção inicial era atingir, através de investimentos nababescos, uma tração de um milhão e meio de turistas ao Maranhão, anualmente, gerando emprego e renda para 130 mil pessoas, de forma direta e indireta na fase inicial do projeto, com a estimulação natural de mais de 50 setores produtivos, tendo como base a atividade turística em comento.

A tarefa de casa do governo, em relação ao Plano Maior, seria o de realizar obras de infraestrutura na fase operacional do Plano (investimentos em equipamentos turísticos, treinamentos para a melhoria dos serviços oferecidos, segurança, recuperação de logradouros, dentre

outras tarefas), sobretudo, em áreas denominadas de Polos: São Luís e Alcântara, Parque dos Lençóis Maranhenses (Humberto de Campos, Barreirinhas e Santo Amaro do Maranhão), Delta das Américas (Paulino Neves, Tutóia e Araisões), Chapada das Mesas (Imperatriz, Riachão e Carolina) e Polo da Floresta dos Guarás (Cururupu, Cedral, Guimarães e Porto Rico). Enfim, grandes e ímpares atrativos.

No entanto, toda essa propaganda foi, no mínimo, enganosa. O turismo ainda não deslançou sequer na capital, quanto mais nos outros polos mais distantes e que precisam de incrementos estruturais. Houve até diminuição da qualidade de transporte para Alcântara, com a desativação de lanchas e falta de reforma em outras embarcações, o que transforma a travessia da baía de São Marcos numa aventura perigosa.

São Luís, atualmente, aparece nas manchetes nacionais como cidade insegura, na qual o crime organizado em facções ordena mortes em presídios e de policiais no exercício do trabalho, levando medo à população, o que afasta de forma sistemática o visitante. Dessa forma, o turismo vem sendo prejudicado de forma sistemática. Para que se possa oferecer um produto de qualidade, é necessário que se organize a casa, oferecendo segurança ao turista, num local limpo, atraente, bem cuidado, com serviço receptivo de qualidade, mão de obra qualificada e equipamentos turísticos em boas condições. O Maranhão ainda está muito longe de oferecer tais itens no nosso cardápio turístico, o que é, no mínimo, lamentável.

Carnaval em São Luís

Batuca Brasil

na Passarela da Folia

Chegou o carnaval! São Luís se torna a passarela da folia. É um desfile de ritmos que só têm aqui: Tambor de Crioula, Bloco Tradicional, Tribo de Índio, além de ritmos contagiantes que fazem a nossa alegria, como as Escolas de Samba, os Blocos Afros, os Blocos Organizados e outros mais.

O Brasil inteiro batuca aqui. Ula-lá, fofão!



SÃO LUÍS

Prefeitura e você, construindo um novo caminho

Ócio, Viagens e Gastronomia



Por Beatrice Borges
Turismóloga/Coordenadora da ABAV Nacional
www.ocioviagensgastronomia.com

Pregoeiros: há um novo capítulo na história de São Luís



A venda de comidas e utensílios sempre chegou para os ludovicenses de uma forma muito inusitada: pelos Pregoeiros, vendedores que carregavam seus produtos nas mãos e gritavam bordões musicais a fim de divulgá-los pelas ruas de São Luís.

Conta-se que foi a partir do século XIX que esses personagens surgiram, conforme a cidade foi crescendo, para suprir as necessidades da população, principalmente dos mais abastados. A venda de porta em porta significava um luxo para os moradores e um “ganha pão” muito honesto para os vendedores.

Essa disputa corpo a corpo feita pelos pregoeiros, contrapondo o comércio local, veio a transformá-los com o tempo, em ícones da cultura ludovicense.

Os pregoeiros passavam pelas ruas da cidade sempre ao amanhecer ou ao entardecer gritando o nome dos seus produtos para que as donas de casa saíssem às portas com suas bacias para comprar produtos e utensílios, que vinham acondicionados das mais variadas formas: pendurados em pedaços de madeira especialmente talhados para isso (como na foto que ilustra esse texto), em cofos feitos de palhas, em latas grandes de querosene reaproveitadas, em tabuleiros e em caixas preparadas para aquele trabalho.

Os pregoeiros, que tinham esse nome porque gritavam pregões de seus produtos, se espalhavam por toda a cidade e com o tempo, ficavam conhecidos das donas de casa, se transformando

até em amigos para vida inteira.

Talvez o bordão mais famoso seja “pamoonha pamoonha”, sempre cantado nas noites dos invernos ludovicenses (período do milho verde). Essa cantiga embalou a vida de muita gente e soa como uma verdadeira música aos meus ouvidos.

Os pregoeiros mais comuns de que se tem notícia, no entanto, eram: padeiro, vendedor de frutas, principalmente bananas, jornaleiro, carvoeiro, verdureiro, peixeiro, vendedor de camarão, caranguejo e siri, sorveteiro, vendedor de pamonha, vendedor de pirulitos, vendedor de juçara, além dos vendedores de utensílios como pá de lixo, penicos, lamparinas, espanadores, vassouras e ainda compradores de ferro velho e garrafeiro. Eram todos homens fortes e dispostos, porque há de se reconhecer que era (e é) um trabalho árduo. Os produtos eram levados nas mãos e quando muito, em carros de mão, que também dependiam da força humana para chegar até seus clientes.

Hoje em dia ainda existem pregoeiros à moda antiga, mas estão muito raros. Os que ainda oferecem seus serviços na casa da minha mãe, só para termos uma referência, é o vendedor de Ideal (bolinho de farinha de milho e de farinha de arroz, “ideal” para acompanhar uma xícara de café), vendedor de juçara, pamonha e o comprador de panelas velhas, mas com um detalhe muito importante: todos oferecem seus produtos e serviços em bicicletas, porque convenhamos, a cidade não é mais a mesma, as distâncias são

outras, o timing da vida é completamente diferente e o momento em que vivemos não mais permite que esperemos o maxixe chegar à porta, quando o vendedor achar que deve.

Mas apesar de os pregoeiros estarem virando lendas para as novas gerações, nas praias de São Luís ainda é possível encontrar um tipo mais moderno de pregoeiro: o vendedor de frutas e petiscos!

Esses não “cantam” seus produtos para os clientes, não tem bordões que encantam, mas fazem um trabalho corpo a corpo importante, já que saem oferecendo suas delícias exaustivamente a todos que estão na praia.

Não precisa muito tempo desde a chegada à praia para que os vendedores apareçam em todas as mesas oferecendo frutas e petiscos. Eu mesma, em minha última visita a São Luís, não resisti e comi cajá do Pará, fruta que só encontro com os vendedores nas praias. Outras frutas clássicas que sempre compro são: siriguela, jambo, pitomba e abricó, que quase nunca acho em feiras e supermercados.

Castanhas de caju ou amendoins, ovos de codorna e camarão “salpreso” formam a tríade de petiscos comuns nas mesas dos bares da praia. O ovo de codorna cozido que sai quentinho do isopor, eu não resisto!

Os vendedores de siri e caranguejo são exemplares antigos em tempos atuais e o vendedor de ostra é realmente a cara da modernidade, mas que me lembra um passado recente.

Não devemos esquecer também dos vendedores de coco, de queijo coalho, sanduíches naturais e outras modernidades comuns da nossa época, que com tantas opções e facilidades, os considero uma nova versão dos nossos pregoeiros, porque criam formas de chamar a atenção dos clientes, indo onde o público está, detalhe que o ludovicense gosta e muito! Aliás, essa mania de querermos tudo à mão é uma característica muito particular nossa e não só nesse aspecto. Existem inúmeras outras situações em que se percebe um certo “comodismo” da população.

A única coisa boa disso tudo é que novos postos de trabalho sempre poderão existir e que mesmo sem querer, essa peculiaridade fez nascer um dos capítulos mais bacanas da história popular de São Luís.